

HELEN WALSH

**UM GOSTO
DE VERÃO**



Tradução de
Léa Viveiros de Castro

Rocco

1

O sol começa a desaparecer no horizonte e, com isso, o rumor distante da vida recomeça. Famílias e casais carregados de barracas de praia e bolsas com estampas coloridas começam a subir vagarosamente a colina, voltando da praia. Duas motonetas zigzagueiam por entre a lenta maré de corpos.

Jenn fica imóvel quando o grupo cansado que saiu da praia passa perto da casa. Eles não a veem sentada no para-peito de pedra do terraço, escondida nas alongadas sombras dos limoeiros. É difícil enxergar seus rostos, mas suas bolsas de praia e suas cangas refletem o resto de sol quando eles passam lentamente pelas árvores. Apenas um garotinho a vê, enquanto caminha atrás dos pais arrastando seu bote inflável pela estrada de terra. Jenn faz um sinalzinho para ele com o dedo mínimo. O bote amarelo fica parado, pendurado pela corda, balançando devagar na brisa. A criança abre um pequeno sorriso e, em seguida, vendo a distância entre ele e os pais, sobe a colina correndo.

Jenn larga o livro, inclina a cabeça para trás e fecha os olhos. No alto dos penhascos cobertos de pinheiros, ela escuta o barulho dos mochileiros. Eles falam alemão, mas,

pelo tom de voz ansioso, ela compreende: depressa, eles dizem uns aos outros, temos que descer antes que escureça. Ela conhece bem a trilha do penhasco – umas duas horas de lá até Sóller. Duas horas de uma vista maravilhosa e de descidas íngremes até as enseadas rochosas lá embaixo.

Mais carros e motonetas passam. Os mochileiros aparecem: um grupo de robustas mulheres de meia-idade, usando trajés reforçados de caminhada. Elas descem os degraus de pedra que vão dar na estrada, então param e dividem uma garrafa de água. Riem um pouco, e o alívio em suas vozes é evidente. Revigoradas e com uma energia renovada, partem em direção à cidade. Nenhuma delas presta atenção nela: a mulher usando um vestido branco de algodão. Se olhassem para trás, talvez vissem Jenn sentada com os joelhos contra o peito, abraçando-os com os braços, a cabeça inclinada para trás, tentando captar os últimos vestígios do sol, prolongar o momento. Ela gosta da sensação de estar ali e, ao mesmo tempo, de estar invisível.

Ela abre os olhos. A primeira coisa que vê é a varanda de pedra do quarto deles acima dela: as venezianas de madeira, abertas, a luz saindo do quarto e enfatizando o súbito anoitecer. O ar está começando a esfriar. Os mosquitos devem estar entrando e pousando nas paredes brancas; mas ela não liga. Ela não quer se mexer. Lá em cima, Greg deve estar dormindo – ou lendo ou tomando banho. Por ora, Jenn está contente ali, sozinha. Mais um capítulo, e então ela vai subir.

Torna a pegar o livro, *Reprisal*, um romance policial escandinavo. Todos os seus empregados jovens na clínica de idosos estão entusiasmados com ele, mas Greg tem razão: este autor em particular não é nenhum Pelecanos, e ela está contente com isso. A última coisa que quer nas férias é ficar estressada ou ser desafiada. Este livro é sobre louras fantásticas apavoradas com um assassino em série. Ela fecha o livro – não consegue mais enxergar as letras. Levanta-se e se espreguiça. Quase todo o movimento da praia acabou. No silêncio, ela ouve o crepitar de uma fogueira. Imagina os garotos hippies na praia, secando suas roupas e cozinhando uma refeição. Ela os observou de manhã cedinho, pescando nas pedras, recolhendo a linha com peixes prateados. Rapazes barbudos com os corpos bronzeados do verão passado na praia.

Ela havia caminhado até a enseada assim que o dia clareou. Um vestígio de lua ainda pairava acima das montanhas. O barulho dos seus passos na areia atraiu dois rapazes para fora da caverna. Eles tentaram afugentá-la com um olhar. E então outro rapaz apareceu, nu. Ele bocejou e se espreguiçou, e acendeu um cigarro, virando de frente para ela. Ele a encarou, o pau pendurado entre as pernas, debochado e superior, meio ereto num gesto de ameaça. Ela sentiu uma certa indignação. Se eles estavam atrás de solidão, por que escolher *esta* praia? Decidida, ela tirou a camiseta, o short, e mergulhou no mar. Estava frio. Um espelho cinzento sob a luz do amanhecer. Enquanto dava as primeiras braçadas, ela

mal conseguia respirar. Depois que encontrou o ritmo, foi tomada por uma sensação de liberdade. Ela nadou até que os primeiros raios de sol bateram em sua cabeça.

De volta ao terraço de Villa Ana, quando o sol estava alto e a praia cheia, ela tornou a vê-los, saindo da caverna. Desta vez duas garotas os acompanhavam. De longe, pareciam salpicadas de ouro. Elas tiraram as cangas e estenderam seus corpos graciosos e nus sobre uma pedra, tão à vontade quanto se estivessem na privacidade de seus quartos. Jenn viu o marido lançar um olhar de viés, tão rápido que, se você não o conhecesse, acharia que ele não as tinha notado. Mas Jenn o conhecia, e sua “microlibertinagem” ainda a fazia sorrir. Ela erguia uma sobrancelha – não para censurá-lo, mas para concordar com ele. As garotas – esbeltas, bem torneadas e jovens – eram lindas. Ele desviou o olhar, exposto; envergonhado.



Está escuro agora, mas mesmo assim ela fica. Pode ouvir o balido distante das cabras descendo pelo despenhadeiro. Aqui e ali, casas com enormes fachadas de vidro iluminam a encosta da colina. Por todo o vale, as janelas das pequenas *fincas* de pedra se acendem. Escondidas no meio das oliveiras durante o dia, elas se mostram agora quando seus olhos se acendem, prontas para iniciar a vigília noturna sobre a Tramuntana.

Nada se mexe. A escuridão aumenta. Jenn estremece, embriagada pela magia da hora. A estrada não está mais visível. As primeiras estrelas apontam no céu. O vento sopra e, trazidos por ele, sons familiares de movimento nos restaurantes da cidade lá embaixo, o barulho dos talheres sendo arrumados, prontos para outra noite movimentada. Ela esfrega a barriga, que está começando a roncar. É uma fome boa, pensa, do tipo que raramente sente em casa; uma fome que vem de nadar no mar e andar sob o sol. Eles fizeram isso com frequência na última semana, e também beberam bastante: vinho, cerveja, conhaques, licores – tinham a sensação de merecer isso, Jenn e Greg. E ontem à noite, depois que Greg se recolheu em casa, ela se sentou à beira da piscina e acendeu um dos Camel Lights que achou na gaveta da cozinha. O gosto do cigarro, sujo e amargo, lhe provocou um barato, deixou-a tonta.

A temperatura cai. A escuridão enche seus pulmões de umidade. Umidade do mar: salgada e lúcida e com um leve cheiro de pinheiros. De má vontade, Jenn aceita que o tempo acabou. Ela entra para procurar um inalador e apressar Greg. Ele está na varanda, falando no celular, com um copo de conhaque na mão. Ele tomou banho, se vestiu, se perfumou; sua barba grisalha está aparada. Está usando seu terno de linho creme – ele o traz consigo todo ano. É a única vez que ele o usa, seu traje de cavalheiro no exterior. O terno está um pouco apertado nos ombros, mas adequado ao personagem – altivo, embora um tanto formal demais para

a artística Deià, ela pensa. Ela para na porta de correr. Ele está falando com Emma. Ela sente um aperto na garganta ao ouvi-lo tentar adular a enteada dela. Ela vai para a varanda e bate no pulso com dois dedos para indicar que eles têm que sair logo. Ela tira o conhaque da mão dele e esvazia o copo de um gole só. Ele lança um olhar de admiração para ela e sorri.

– Pode pedir a Emma para comprar fio dental? – ela diz.
– O sedoso. Aqui eu não consigo achar.

Greg levanta um dedo e sacode a cabeça – não tanto em resposta ao pedido dela, mas apelando por silêncio. Emma o está criticando por um motivo ou outro e ele, como sempre, está cheio de dedos, preferindo o caminho mais fácil. Jenn larga o copo vazio, levanta as mãos para o céu e revira os olhos. Entra para procurar seu inalador. Ela trouxe três – agora não acha nenhum. Tem certeza de ter deixado um no chão ao lado da cama. Ela revira as gavetas, fica de joelhos para procurar debaixo da cama onde, na ausência de tapetes, o chão frio e duro de lajota faz doer seus ossos. Ela se levanta, esvazia a bolsa de maquiagem, barulhenta em sua frustração.

Greg sussurra irritado para ela:

– Debaixo do seu travesseiro!

Não um, mas todos os três estão enfileirados ali.

– Ah, não acredito – ela diz. Ela inala uma, duas vezes; melhor.

Ele levanta a mão para silenciá-la enquanto aumenta seu tom de voz. – Escuta, Em, na pior das hipóteses, Jenn e eu estamos fora...

Isso dói um bocado. Depois de tantos anos, quando é conveniente para ele, sempre que ele sente que ela vai fazer uma cena, ele recorre à “mamãe”.

– ... tome um táxi para a cidade e tente o Bar Luna. Ben ni deve estar lá. Ele tem uma chave.

Ela fecha as venezianas com espalhafato e veste o casaco. Olha-se no espelho do armário, leva a mão à boca e ri. Ontem de manhã, ela comprou este vestido branco de algodão na loja da cidade. Comprou por impulso, algo que não sonharia em usar onde morava. No entanto, era o tipo de vestido solto, clássico, de bordado inglês que sempre imaginara usar em Deià, caso se mudassem de vez para lá. Ao se olhar no espelho da loja, ela gostou do que viu. Estava elegante, mas enigmática e, sim, sexy; uma percepção sem dúvida ajudada pelas velas acesas que sombreavam sua pele bronzeada, pelo cheiro de incenso, pela música flamenca e pelo fofo vendedor gay que ficou parado atrás dela, levantou seu cabelo dos ombros e murmurou – *Qué bonita...* seus olhos parecem âmbar – no seu pescoço. Agora ela se sente enganada. Tira o vestido pela cabeça, e seu cabelo cai sobre os ombros. Fica contente ao ver que a etiqueta está no lugar. Ela o pendura no armário e alisa as pregas. Torna a se olhar no espelho, a fenda entre os seios acentuada pelo bronzeado e pelo tom castanho-avermelhado do seu cabelo, que ela

tingira naquela manhã mesmo, e resolve que vai ser vulgar por uma noite e dane-se o resto. Gregory pode fazer cara feia à vontade, mas ela está de férias e vai mostrar o que tem num jeans preto bem apertado e uma camiseta decotada.

Enquanto se veste, ela vê que Greg virou o corpo na cadeira para observá-la. Ele faz gestos com a mão para indicar sua preferência pelo vestido e pelo cabelo preso. Com o jeans no meio das coxas, ela se aproxima do armário, tira o vestido para olhar para ele mais uma vez. Mesmo com desconto, setenta e cinco euros não foram nenhuma pechincha; e mesmo com a etiqueta intacta, ela imagina que não vai ser fácil conseguir seu dinheiro de volta. Consegue visualizar aquele charme se transformando em irritação. Segura o vestido diante do corpo no espelho. Elegante. Discreto. Próprio para a sua idade. Ela nunca mais irá usá-lo, depois que voltar para casa; poderia usá-lo agora, só para agradá-lo.

Ele ainda a está observando. Ela pode ouvir Emma perdendo a paciência com ele.

– Ah, boneca, está tudo bem – ele contemporiza e desvia o olhar da esposa. – Tenho certeza de que Jenn pode viver sem fio dental por uma ou duas semanas.

Ela guarda o vestido de volta no armário e volta a enfiar o jeans. Ela era assim quando adolescente? Provavelmente, caso tivesse tido chance – mas ela sofria de acne na idade de Emma, não era suficientemente bonita para isso. Fecha a porta do armário com mais força do que o necessário e desce. Eles vão chegar mesmo atrasados, então tanto faz.

Ela pega o último cigarro da gaveta da cozinha, tira o acendedor de fôgo da parede branquíssima e vai para junto dos limoeiros. As pétalas brancas das trepadeiras ficam fosforescentes no escuro. Sua visão noturna lhe prega peças: ela vê cabras pastando no pomar que, olhando mais de perto, não passa de tocos ou galhos de árvore. Na noite passada, tonta depois de ter tomado algumas doses do *liquera manzana* que acompanhou a conta, Jenn convenceu Greg a voltar caminhando pela beira do rio. Mas mesmo sob o brilho da lua, eles foram obrigados a voltar para a estrada, porque as pedras soltas e as raízes salientes deixavam o caminho perigoso. Esta noite, eles vão manear. Por mais que insistam em saideiras por conta da casa, amanhã precisam acordar com a cabeça boa. Amanhã começa um novo tipo de férias.

Ela se agacha na grama seca e áspera. Acende o cigarro. Traga a fumaça até o fundo dos pulmões e a segura um pouco antes de soltar, formando uma fileira de anéis de fumaça. Como vai ser, ela imagina – servir de vela para dois adolescentes? E esse tal de Nathan? Nate. O modo como Emma pronuncia o nome dele a deixa irritada – brusca, possessiva e cheia de importância, como se *Nate* fosse uma nova espécie que ela tivesse descoberto.

Jenn o conheceu algumas semanas atrás, se é que aquele encontro incômodo pode ser classificado como uma apresentação. Até então, Emma vinha se referindo a Nate com regularidade crescente, mas negando os convites dos pais

para lanchar, almoçar, jantar, o que fosse. Foi uma surpresa quando ela chegou em casa depois de ter trabalhado até tarde e encontrou Gregory dando marcha a ré na entrada da casa com um rapaz que ela imaginou ser Nate curvado no banco de trás. Ele usava um gorro enfiado até os olhos, a jaqueta fechada até o queixo. Estava escuro e ele manteve os olhos grudados nas costas do banco do carona, de modo que ela mal conseguiu ver seu rosto. Ela bateu na janela e fez um gesto com a mão para indicar que ele deveria voltar lá – em breve. Mesmo dali, ela sentiu o aborrecimento de Emma com sua intromissão desastrada. O rapaz deu um sorriso tímido, mas Emma ficou olhando para a frente no escuro, cutucando o pai para seguir com o carro. Mais tarde, quando eles voltaram, ela não disse nada – ficou sentada entre as pernas do pai, os dois tomando sorvete do pote, na maior cumplicidade. Jeen tinha ido para a cama, irritada pelo modo como Greg deixava que Emma a excluísse ultimamente. Entretanto, foi a ela que Emma recorreu quando precisou de uma aliada para isto – as férias: – Você *tem* que falar com o papai. Ele disse que não, que não quer nem ouvir falar nisso... Nate *tem* que ir para Deià. Todos os pais das minhas amigas deixam que elas levem os namorados nas férias. Papai está vivendo na Idade Média. Você conheceu ele, mamãe! Garotos como ele não ficam por aí dando sopa. Ele *com certeza* vai conhecer alguém enquanto eu estiver fora. – Jenn se irritou ao ouvir a frase “todos os pais das minhas amigas”; essas eram famílias que só tecnicamente passavam

as férias juntas. Elas levavam parentes, amigos, colegas, vizinhos e empregados com elas, Jenn pensou, porque, lá no fundo, não conseguiam suportar a companhia uns dos outros. Mas não disse isso para Emma. Preferiu focar em Nathan. O rapazinho tímido que ela avistara no banco de trás do carro. Ele não parecia o tipo de rapaz que fosse começar a galinhar assim que a namorada virasse as costas. – Escuta, Em. É *you* quem vai sair de férias. Vai ser muito mais difícil para ele. E apesar do que os pais das suas amigas dizem, acho que ainda está um pouco cedo para ele viajar conosco. Vocês só estão namorando há poucos meses.

Emma estava inconsolável. Tinha havido outros rapazes antes, mas eles não eram nada comparados com este. Este era diferente. Este era Grande – aquele que iria servir de comparação para todos os relacionamentos futuros. Jenn entendia; ela sentira o mesmo quando tinha a idade dela. Olhando para trás, ela via que o dela tinha sido um merdinha manipulador: o vocalista de uma banda de segunda categoria, e o sexo, como a música, era confuso e mal improvisado. Entretanto, ela se lembra de cada detalhe. Teria atravessado uma fogueira por Dan Matthews.

– Por favor? Você pode fazer o papai mudar de ideia?

– Ah, eu não sei, Emma... vamos ter que nos encontrar com os pais de Nathan primeiro.

– Eu vou pedir à mãe dele para ligar para você agora mesmo!

– Eu ainda não disse que *sim*.

– Ah, mamãe! Você é a melhor mãe do mundo. Sabia disso?

Ela só a chamava de mãe atualmente quando queria alguma coisa. De certa forma, isso doía mais do que a lenta e inevitável retração da palavra em si.

Ela agora se arrepende de ter cedido tão facilmente; se arrepende de ter amolado o Greg até ele concordar. Os dois tinham trabalhado tanto para poder pagar estas férias, apesar de Benni, o dono da casa, subir o preço todo ano. Ele sabia o valor do que tinha, o Benni. Sabia que eles precisavam da casa. E com o novo reitor chegando em setembro, havia alguma incerteza em relação à função que Greg iria ter na universidade, também. Ele continuaria a ser o coordenador de inglês? A antiga faculdade comunitária só passara a ser universidade cinco anos antes, mas já havia um novo conselho com ideias novas, preocupado com resultados financeiros. Havia uma pressão sobre Greg que não havia antes; havia mais aulas, mais trabalho administrativo, mais estudantes de doutorado para supervisionar, e esperavam que ele agora se dedicasse mais a aumentar o número de matrículas anuais. Então, sim, eles *precisavam* das férias anuais em Deià, em sua amada Villa Ana. Jenn estava determinada: este ano ia ser especial; imaginava que eles poderiam percorrer todo o corpo da Tramuntana, saindo de Deià e indo até Pollença. Emma agora tinha idade suficiente para apreciar os mercados hippies de Estellencs e Fornalutx, talvez o museu Picasso em Sóller, também. Eles poderiam almoçar

sob as imponentes laranjeiras da praça, e depois ela e Emma poderiam percorrer as butiques da velha cidade. Ela ia comprar algo simbólico para ela – um pingente, talvez, ou uma pulseira. Queria algo que marcasse a viagem que fariam juntos, sua ligação fora do comum e muito especial. No entanto, ela queria também algo típico de Maiorca – um souvenir que falasse dos tempos que tinham passado na ilha e das lembranças que tinham de lá.

Então estava combinado. Ela e Greg iam voar uma semana antes e Emma ia ficar com a mãe de Greg. Eles poderiam passar seu tempo maçante de adultos descobrindo enseadas escondidas e dormindo depois de longos almoços – em seguida Emma viria, e eles a estragariam de mimos. Mas não era só Emma que iria chegar. Amanhã eles estariam abrindo sua porta, suas férias, para um estranho – e, por mais que tentasse dizer a si mesma que tinha feito uma coisa boa, Jenn não conseguia se livrar de suas apreensões. Ela devia ter sido firme com Emma. Devia ter dito não.

Está frio agora. Lá no alto, mais estrelas brilham no céu. Um morcego passa voando – bem na frente dela, e desaparece. Observando a casa do lado de fora, acesa, suas sólidas venezianas azuis absorvendo parte do luar, ela é tomada de nostalgia por esses últimos dias. Ela já sente uma sensação de perda. Esta semana – a semana deles – passou muito depressa. E agora praticamente terminou.



Eles estacionam na entrada de Deià, ao lado da Escola Robert Graves, depois descem a ladeira suave até a cidade. A rua principal já está fervilhando, com gente indo de café em café, analisando os cardápios ou parando na vitrine das administradoras de imóveis para contemplar cobiçosamente mansões incríveis com piscinas infinitas; mansões que jamais poderão possuir. As velas estão sendo acesas nos terraços dos bares de tapas, e, ao longo da rua em curva, robustas portas de madeira em paredes de pedra estão abertas, revelando pequenos restaurantes com vistas estonteantes. De sua mesa no pátio do Jaume, esta noite, eles vão poder avistar o desfiladeiro, depois da Villa Ana, e mais adiante o mar.

Eles passam pela mercearia onde compram pão todas as manhãs. A loja está fechando e homens de pele escura estão carregando para dentro caixotes de pêssegos gordos e peludos. Jenn para na calçada, revirando sua velha bolsa de couro, cheia de bugigangas – escovas, batons sem tampa, cartas sem abrir – tentando achar espaço para enfiar dois pêssegos para o café da manhã do dia seguinte. Greg passa o braço pelas costas dela e esfrega o polegar em suas costelas, afastando-a da mercearia.

– Depressa – ele diz.

– O quê?

Tarde demais. O homem desmazelado, de rosto vermelho, parado na porta do Bar Luna os avistou. Ele grita por eles e desce rapidamente os degraus, com o cachimbo na boca. Greg continua andando, mas Jenn fica encurralada.

– Benni. Oi.

A boca fina e insatisfeita apertada com força o cachimbo e ele balança a cabeça devagar, examinando-a com os olhos como se os tivesse apanhado – ela e Greg – numa terrível mentira. Ele dá a impressão de que está bebendo desde a hora do almoço. Uma brisa sopra uma mecha de cabelo grisalho e oleoso em seu rosto.

– De novo! Vocês estão comendo fora *de novo*?

Ele ri para ela saber que está brincando, mas há um arco de censura em sua boca quando ele sopra fumaça e se balança para a frente e para trás nas solas dos pés.

Jenn dá um sorriso forçado.

– Nossa última noite de liberdade, Benni. Emma chega amanhã.

Greg é obrigado a parar mais adiante. Ele vira a cabeça para o céu, sem conseguir ou sem querer disfarçar sua impaciência enquanto espera que ela termine a encenação. Benni se aproxima, seus dentes amarelos de fora como os de um asno.

– Tão cedo? A festa terminou? – Seu hálito azedo sopra a mecha de cabelo de volta para trás. Ela é obrigada a recuar um passo. Ele sacode um dedo. – Nada de travessuras agora, hein? Hein!

Ele mostra todos os dentes amarelos num sorriso e, ao tentar focar o olhar em Jenn, se desequilibra e dá uns passos para trás. Ela aproveita a chance para escapar dele. Benni grita em sua direção.

– Mas por que vocês comem fora quando poderiam estar comendo *al fresco* na varanda?

Ela alcança o marido – que está lívido de raiva.

– Eu não sei por que você aguenta ele, Jenn.

Benni para de segui-los e fica parado no meio da rua com as mãos estendidas.

– Vou dizer uma coisa! Maria pode cozinhar para vocês. Pela metade do preço. Debaixo de suas próprias estrelas. – Eles chegam ao restaurante. – E vocês não têm que se vestir como o romance de Fitzgerald. – Ele ri alto e tem um acesso de tosse.

Esta última parte foi claramente dirigida a Greg, e Jenn o sente endurecer o corpo. Ela disfarça um sorriso e entra depressa com ele no Jaume.

– Palhaço filho da puta – Greg resmunga, e a família esperando por uma mesa vira a cabeça ao mesmo tempo. A fúria de Greg fez surgirem duas manchas vermelhas em seu rosto. Jenn tapa a boca com a mão e abaixa o queixo. Uma risada escapa entre seus dedos. Ela fica na ponta dos pés para beijá-lo.

– Vamos comer?



O restaurante é separado em duas partes: o interior bem ventilado com plantas enormes e grandes lajotas de terracota, e um pequeno terraço ao ar livre, dando para o desfiladei-

ro. Miki, o maître basco, se aproxima com os braços estendidos. Ele beija Jenn dos dois lados, recuando um passo para admirar seus fiéis fregueses.

– Meus amigos! Meus amigos! – Ele abaixa a palma da mão na direção do chão e faz uma cara meio triste, meio intrigada. – Mas o que é isso? Cadê a meninazinha?

Gregory dá uma gargalhada.

– Emma? Pequena? Espere até vê-la! Ela chega amanhã; já não é tão pequena.

Eles todos riem enquanto Miki os leva até o terraço, o incidente com Benni esquecido; mas Jenn não está muito alegre. Mais uma vez, ela pensa que dentro de algumas horas esta parte das férias – a parte deles – estará terminada.

– Diz a ela que Mikel mandou lembranças.

– Talvez Emma venha ao restaurante. – Greg sorri. – Ela chegando em Deià com o namorado.

– Namorado? A pequena Emma? Não! *Não!*

Greg é todo sorrisos.

– Sim, Miki. Agora Emma é menina grande.

– Que tristeza. Mas o tempo bom chegou. Nos próximos dias vai fazer muito calor.

Miki faz um gesto na direção do mar enquanto abre o guardanapo de Jenn.

– Ano passado uma loucura. – Greg sorri. – Muitas tempestades. Assim bem melhor.

A garçonete na mesa ao lado lança um olhar espantado para Greg. Jenn ri. Ela adora a mistura de línguas que Greg

adota quando eles estão no estrangeiro – ela o ama mais ainda porque ele não faz ideia de estar fazendo isso. Eles foram colocados um ao lado do outro para poderem apreciar a vista juntos, mas não há mais muito o que ver agora, a não ser a silhueta escura da Tramuntana, imensa, debruçada sobre a cidade. Ela parece isolá-los do resto da ilha.



Miki coloca na mesa dois *kir royales* e uma pequena travessa de *hors d'oeuvres*: uma fatia de carpaccio polvilhada de lascas de foie gras, e uma pequena torta de espinafre e anchova. A massa é muito fina e marrom-escura, e está quente. Ele gosta de comentar amorosamente cada prato ao servi-lo, e toda a tensão desaparece dos ombros de Jenn.

– E isto? – Com deferência, ele coloca dois frascos de um caldo verde na frente deles. – Um belo sabor do jardim. É, como se diz mesmo ... *aspárragos*?

– Aspargo! – Gregory exclama.

– Ah, sim. Aspargo. Uma sopinha. Uma maravilha...

Ele beija as pontas dos dedos e Jenn tem vontade de apertar a mão dele. Ela é tomada pela sensação de que isto é uma coisa rara; especial; é para isso que servem as férias. Tem vontade de abraçar o Miki, e ele parece compreender. Seus olhos são sinceros quando ele dá um suspiro profundo e descreve os pratos do dia. Jenn está salivando ao imaginar os aspargos refogados servidos com pera ou um simples

gambas al ajillo grelhado de entrada quando Miki se agacha e sussurra em seu ouvido.

– Jennifer, por favor. O fígado de coelho. Tenho que recomendar este sabor fantástico de entrada. Sei que você vai amar.

Ele volta a ficar em pé, desta vez se inclinando para Greg.

– E para essas duas pessoas magníficas, como prato principal, eu tenho que convencê-los a pedir o fantástico cabrito montês. Fresco, como este, assado lentamente com alecrim...

– Miki enfatiza as vogais – *alecrim*. – E servido com um gostinho do mar, nossas algas salgadinhas, especiais. – Ele dá um passo para trás e se inclina ligeiramente como que apresentando uma orquestra de câmara. – Perfeito.

Ela tem vontade de aplaudir a performance dele. Os dois tinham planejado comer peixe esta noite – a Segunda Semana ia ser a semana saudável – mas este é um restaurante que entende a necessidade da gordura; a gordura é onde está todo o sabor. Greg deixa o cardápio cair na mesa. Ele levanta as mãos.

– Convencido, señor. Fígado de coelho e cabrito montês. – E antes que Jenn pudesse pensar mais um pouco, ele acrescenta: – Para dois.

Greg olha satisfeito para Jenn. Ela registra o clarão de hesitação no rosto de Miki, então pisca o olho para ele saber que está tudo bem. Só por hoje, está tudo bem.



Eles deixam Miki escolher um Rioja local e, como ele havia prometido, o vinho é saboroso e encorpado e, com o primeiro gole, Jenn é capaz de esquecer todas as suas preocupações sobre o dia de amanhã. A noite e os bilhões de estrelas que brilham no céu ainda pertencem a eles dois. A ela. Que se dane a moderação, ela pensa, dando um bom gole no vinho. Amanhã é amanhã.



Já são quase duas quando eles voltam para casa. Nenhum dos dois está pronto para dormir. Greg leva cobertores e velas para a beira da piscina e duas garrafas geladas de San Miguel. Jenn senta na borda, ondulando a lua com o dedão. Greg senta atrás dela, os joelhos encolhidos na altura das costelas dela, os braços ao redor da sua cintura. Eles ouvem risos vindos da praia e Jenn se lembra das moças nuas, esbeltas, perfeitas e conscientes dos olhares sobre elas. Ela se vira e esfrega o rosto no peito de Greg e comenta:

– De qual delas você gostou mais?

– Das duas.

Ela dá um tapa na mão dele.

– Quem foi que disse que a juventude é desperdiçada com os jovens?

– George Bernard Shaw.

– Não; tenho certeza de que foi Robbie Williams.

Greg ri e beija o pescoço dela. Ele enfia a mão por baixo de sua blusa. A sugestão de sexo paira ali por um momento

– mas ela está cheia de comida e bebida e tira delicadamente a mão dele. Ele parece se conformar; acaricia seu pescoço, coça sua cabeça. Eles tomam suas cervejas e contemplam as estrelas e ela o beija firmemente na boca; um beijo que diz “hora de dormir”.



Ela está dormindo. Um inseto zumba na periferia da sua consciência. Será que Greg se levantou? Foi um livro que bateu na parede? O mosquito não está mais zumbindo. O pensamento seguinte que ela tem é que já é de manhã. O lado da cama de Greg está vazio. Um sol forte entra pelas venezianas.

Eles estão a caminho.